



# ADVERBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

**Vol.16 - N. 31 | 2021 | ISSN 1808-883X**

## **JORNALISMO PARA TODOS: A INCLUSÃO DOS SURDOS E DA LIBRAS NO AUDIOVISUAL**

Aline Vitória Rocha Silva  
Jéssica Carolina Moreira

## JORNALISMO PARA TODOS: A INCLUSÃO DOS SURDOS E DA LIBRAS NO AUDIOVISUAL

Aline Vitória Rocha Silva<sup>1</sup>  
Jéssica Carolina Moreira.<sup>2</sup>

**RESUMO:** A comunicação vai além da oralidade. O jornalismo prevê o acesso à informação de forma democrática e total. É um dos preceitos da existência do profissional jornalista. A televisão é, para o brasileiro, o meio mais abrangente para o acesso às notícias. Eis que se vive, no entanto, a exclusão de uma fatia da população por falta de acessibilidade: a comunidade surda não é atendida pelas emissoras de televisão no Brasil. Nesse sentido, a discussão sobre a possibilidade de inclusão social por meio da Linguagem Brasileira de Sinais, a Libras, é necessária. Esta pesquisa discorre sobre a falta de compromisso do telejornal mais assistido do país, o Jornal Nacional da Rede Globo, em comparação com experiência no meio informativo de TV que é eficiente no atendimento aos surdos, o Jornal da Tarde da TV Cultura, que usa o recurso da Janela de Libras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão Social; Libras; Surdos; Democratização da informação; Telejornalismo.

### 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é um instrumento social que visa atender o interesse público, garantindo que haja liberdade de expressão e de pensamento. É a ferramenta que leva ao povo o que há de coerente ou incoerente no setor público e privado. É o vigia que fica atento a garantia de direitos e cumprimento de deveres de todos os agentes sociais. Entre as distintas condutas previstas no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros consta que, é dever do profissional “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”<sup>3</sup>.

Sendo assim, ao se tornar jornalista, este profissional assume a responsabilidade de atender demandas sociais e estar à frente de conteúdo noticioso que trate dos temas relevantes ao povo que, segundo a Constituição Federal, tem em lei essa

---

<sup>1</sup> Jornalista formada pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: [alinevitoriarocha@gmail.com](mailto:alinevitoriarocha@gmail.com).

<sup>2</sup> Jornalista e pós graduada em docência do ensino superior. E-mail: [Jessicamoreiratv@gmail.com](mailto:Jessicamoreiratv@gmail.com).

<sup>3</sup> Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>

segurança de direito à informação. O instrumento usado pelo jornalismo é a palavra: ora escrita, ora falada, ora ilustrada. O formato considerado completo, por unir linguagem verbal e não-verbal, é o audiovisual.

No Brasil, a televisão é, ainda, o canal de maior influência e de maior acesso para população. Existem mais televisores no país do que geladeiras<sup>4</sup>. A TV é capaz de levar a notícia do analfabeto ao doutorado. É realmente universal do ponto de vista linguístico. Acontece que aí encontra-se uma realidade irônica: há exclusão. O jornalismo televisivo não atende a comunidade surda nas produções.

Segundo dados de estudo feito pelo Instituto Locomotiva em setembro de 2019, a comunidade surda é composta por 10,7 milhões de pessoas com alguma porcentagem de perda de audição, desde a mais leve até a mais severa, sendo, portanto, considerados deficientes auditivos e surdos. Desse total, 2,3 milhões de pessoas têm deficiência severa, a surdez, o que aumenta a necessidade de manter o foco na inclusão. São mais de 10 milhões de pessoas que não recebem o jornalismo televisivo de maneira integral, da maneira que os ouvintes recebem.

A falta de inclusão dos telejornais prejudica a comunidade surda no Brasil. Há ausência de ferramentas que possibilitem o repasse das notícias, o que lesa a entrega da mensagem a este receptor não ouvinte, ou seja, há exclusão. A inclusão social é um agrupamento de ações que promete garantir a participação de maneira igualitária de todas as pessoas na sociedade, independentemente da classe social, condição física, educação, gênero, orientação sexual, etnia, entre outros aspectos. É o ato de incluir na sociedade as categorias de pessoas historicamente excluídas do processo de socialização.

A inclusão focada na comunidade surda pode ser desenvolvida por meio de técnicas que integrem as pessoas na sociedade, a fim de incluir o público fazendo com que não haja diferenças, limitações ou dificuldades entre as pessoas da comunidade surda e as pessoas ouvintes.

A comunidade surda enfrenta problemas de comunicação diariamente e carece de maior inclusão e acessibilidade. Ao falarmos de jornalismo, as notícias e as

---

<sup>4</sup> Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, 59,4 milhões de lares tinham televisão, 96,9% da população. Já o número das pessoas que tinham geladeira era de 58,7 milhões, o que equivalia a 95,8%.

informações com métodos de inclusão seriam então disponíveis para todos os públicos. No jornalismo, o acesso aos conteúdos noticiosos deve ser fácil, esse é um dos pilares da profissão, a disseminação de informação para todos, de uma maneira de fácil entendimento.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O ACESSO DE (QUASE) TODOS AO JORNALISMO**

Ao longo dos anos, o jornalismo, a comunicação e as novas tecnologias têm ocupado lugar significativo no desenvolvimento social, proporcionando novas possibilidades de interação e sociabilidade. O telejornalismo tende a acompanhar as mudanças e as formas de interação com o público, prova disso é a presença das conversas entre a audiência e o veículo por meio de plataformas digitais.

Ao produzir, o jornalista deve atentar-se a todos os grupos que consomem a informação. No telejornalismo, é necessário analisar o contexto audiovisual, além de dar atenção a como incluir todos os públicos interessados em informações e notícias.

Desde as primeiras ações associadas ao jornalismo no Império Romano, atribuídas ao Imperador Romano Júlio César, a necessidade de informar em grande quantidade era prioridade. Com a prensa de papel inventada por Gutenberg na Idade Média, novos métodos de propagação foram surgindo, como a invenção do Telégrafo, em 1844. O desenvolvimento do jornalismo caminha conforme a necessidade da população por informação e atualização, com foco no público receptor. A evolução e adaptabilidade são constantes da profissão.

Entre 1890 e 1920, ocorreu o período visto como a Era De Ouro dos Jornais Impressos, devido a seu sucesso entre os consumidores de notícias<sup>5</sup>. Mas, a partir de 1920, pela primeira vez a mídia impressa teve um grande concorrente, o rádio, que conquistou anunciantes e a preferência do público.

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site Portal Educação: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/historia-do-jornalismo/42884>. Acesso em 23/10/2020.

Após evoluções e adaptações seguindo o que o público necessitava e buscava, também em 1920, surge a televisão, a concorrência dos outros métodos de propagação de notícias e o meio que vinha a se destacar cada vez mais. A partir do ano de 1950, a televisão se tornou o principal canal de mídia no mundo.

No Brasil, nesse mesmo ano, houve acesso ao sinal aberto de televisão após a inauguração da TV Tupi, pelo jornalista Assis Chateaubriand - responsável pela primeira transmissão ao vivo para a população. O jornalista precisou importar cerca de duzentos aparelhos de TV para que houvesse público para os programas que seriam exibidos, já que não havia ainda o consumo em larga escala de televisores<sup>6</sup>. Posteriormente à TV Tupi, novas emissoras começaram a surgir, entre elas a Rede Globo, a Record e a Bandeirantes, emissoras que cresceram e se consagraram até os dias atuais.

Além da popularização da televisão, outros meios de comunicação como o rádio e as notícias impressas tiveram a necessidade de se atualizar. Na década de 1980, houve o surgimento dos computadores e da Internet, o jornalismo precisou se encaixar com as atualizações das tecnologias e de maneira a se reinventar surgiu o então chamado Webjornalismo, método de jornalismo praticado via internet.

Ao longo do tempo, o jornalismo sofreu modificações acompanhando as atualizações da sociedade e, hoje, está em todos canais de comunicação. A real mudança contemporânea? Os meios são convergentes, todo tipo de informação é disponibilizada de forma integrada em plataformas online e offline. A televisão está na internet por meio dos portais de notícias vinculados às produções informativas que outrora tinham transmissão exclusiva pela TV. Tal flexibilidade, e disposição para se reinventar, fez do jornalismo mais interativo, capaz de conversar com o público. Com a magia da televisão mais acessível e próxima do telespectador, a prática do telejornalismo detém a atenção da audiência, isto é, a televisão e o seu conteúdo fazem parte da vida da população.

---

<sup>6</sup> Informação retirada do site Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>. Acesso em 10/08/2020.

## 2.2. O PAPEL DO JORNALISTA E DO JORNALISMO

Segundo o jornalista Tiago Lobo<sup>7</sup>, o papel do jornalista, na sociedade do consumo a todo instante, é interpretar e traduzir informações. Não cabe apenas informar. Devido à quantidade de informações atualizadas a todo momento e por vários meios de comunicação, cabe ao jornalista interpretar a notícia, atribuindo sentido e precisão na produção, entregando ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar de sua maneira. O jornalismo então, tem como papel principal informar e auxiliar na difusão do conhecimento, a todo o público que anseia por informação.

A disseminação de informações e notícias, o repasse de conteúdos e, a proliferação de dados oficiais para a sociedade é responsabilidade do profissional de jornalismo. Outro intuito da profissão é repassar as informações obtidas e as notícias produzidas para o maior público possível, entregando em diversos lugares e para pessoas diferentes, fortalecendo a ideia de jornalismo plural.

O telejornalismo é presente no cotidiano da população brasileira desde o início da história do jornalismo na televisão, e tornar todo conteúdo jornalístico produzido capaz de impactar e informar todo público, torna-se obrigação para quem o produz. Informar, distribuir, alcançar, fornecer, incluir, ser acessível para todos os públicos, produzir um jornalismo que seja plural e que abranja diversos públicos é o que deve ser seguido pelos jornalistas.

A palavra é o ponto de partida! Em qualquer parte do mundo, os textos, produções de áudios e o jornalismo em geral giram em torno das palavras, de como são usadas e com quais objetivos, porém, nem só de palavras vive a comunicação, já que é composta pela linguagem. Sendo que, esta não é apenas oral. A linguagem não se trata exclusivamente do que é dito, trata do que o corpo comunica e expressa. Gestos, sinais, olhares, movimentos, expressões faciais, entonação de voz, inclinações de cabeça são manifestações que comunicam e passam a mensagem determinada pelo emissor. Sendo assim, compreende-se que,

---

<sup>7</sup> Informação retirada do site Observatório da Imprensa: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743\\_sobre\\_o\\_papel\\_social\\_do\\_jornalismo/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/). Acesso em 16/08/2020.

o dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio (BRUM, 2006, p. 191. *apud* CHIARIONI, 2010, p. 6).

Saber usar de diferentes linguagens é proporcionar a compreensão dos assuntos divulgados para diferentes públicos, é garantir a expansão da divulgação da notícia, informando eficientemente, seja por palavras ditas, imagens ou sinais com significado. Conhecer as linguagens é saber comunicar para um maior público, poder passar uma mensagem de um jeito diferente e acreditar que é possível se aproximar da utopia do jornalismo que comunica o povo, ou seja, é capaz de ouvir a todos, bem como falar para todos os públicos.

Com o telejornalismo é possível utilizar diferentes recursos da linguagem: o áudio, produções visuais como vídeos, fotos, reproduções de textos. A televisão então, é o aparato de informação mais completo e também o mais popular no mundo. Dados indicam que 94% dos lares do mundo têm pelo menos um televisor (PUENTE, 1997, p. 12. *apud* AYRES, 2011). Nesse sentido, o telejornalismo ocupa um espaço significativo na construção da realidade dos cidadãos. Para Fausto Neto (FAUSTO NETO, 1995 *apud* VIZEU, A. *et al.* 1999), a televisão é hoje, através do telejornal, a grande "Praça Pública" onde os temas nacionais são mostrados e debatidos dentro das regras próprias do veículo.

Diariamente, os telejornais alimentam a população com informações e conteúdos sobre o que acontece nas regiões, no país e no mundo, transformando os noticiários audiovisuais em produtos jornalísticos de maior audiência devido a seu fácil acesso. Ao considerar a facilidade de acesso à um aparelho televisor, é possível entender o acesso à informação através do telejornalismo. Para conseguir informações, basta o público consumidor de telejornais ligar a televisão e acompanhar.

Ao produzir textos jornalísticos, seja para veículos impressos quanto para veículos de produção audiovisual, o profissional de jornalismo precisa ter o cuidado com a linguagem utilizada e com o texto produzido, porque não é o suficiente apenas

difundir a informação ao público, mas também é necessário pensar na maneira como a informação será repassada e em quem receberá essa informação.

A linguagem jornalística é composta por características que facilitam a compreensão do público. São elas: objetividade na mensagem transmitida e clareza para a compreensão do leitor, simplicidade nas palavras e termos utilizados, apresentação dos fatos sem aplicação de opinião, foco na linguagem narrativa. Por isso, na hora de produzir um texto no gênero textual jornalístico, o jornalista deve se atentar às características que facilitam a compreensão.

A linguagem não é apenas instrumento de comunicação que nos traz à presença tempos passados, paisagens distantes. Também não é só um sistema de sinais sobreposto à experiência mas, ademais, o espaço de uma organização do mundo a que se chama cultura. Sons, cores, formas, paladares têm existência física, impressionam os órgãos de sentidos, mas é a cultura que gradua e classifica essas impressões, lhes atribui essências e valores simbólicos (LAGE, 1987, p. 5).

A comunicação oral é mais reconhecida porque a língua proferida é constantemente utilizada e é decisiva na comunicação, por isso, é a mais lembrada. No Brasil, a oralidade se desenvolve na Língua Portuguesa, nas palavras do idioma e nos termos regionais criados de acordo com a cultura de cada lugar. Porém, não é apenas a Língua Portuguesa a língua oficial do Brasil, existe uma segunda língua oficial, a Libras - Língua Brasileira de Sinais, língua utilizada pela comunidade surda.

De fato, a linguagem da Libras vai além do uso das palavras. Ela também é ciência, a cinesiologia que faz parte da comunicação. Ou seja, a linguagem do corpo é não verbal, mas expressa informação, tanto quanto as palavras verbalizadas. São gestos, olhares, posturas, entonação de voz ao falar, tudo tem significado além da palavra comunicada e da oralidade.

A Língua Brasileira de Sinais, teve como base de criação o método francês de linguagem de sinais. As informações são de que o nome por trás do desenvolvimento de uma língua para os surdos foi o do professor francês Charles-Michel de l'Épée<sup>8</sup>, considerado o *pai dos surdos*. Ele era um abade francês, que dedicou seu tempo à educação dos surdos. Seu objetivo era poder educá-los de acordo com os princípios

---

<sup>8</sup> Informação retirada do site Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-libras.htm>. Acesso em: 16/08/2020.

do cristianismo. Foi ele o responsável por criar, no século XVIII, um alfabeto de sinais para alfabetização dos surdos. A língua de sinais foi trazida para o Brasil pelo surdo Eduard Huet, no século XVIII.

Até o século XV, os surdos eram considerados mundialmente como pessoas ineducáveis, e a partir do século XVI, essa visão sobre a comunidade surda foi sendo deixado de lado. A convite de D. Pedro II, Huet veio para o Brasil para fundar a primeira escola para surdos do país, chamada na época de Imperial Instituto de Surdos Mudos. Com o passar do tempo, o termo "surdo-mudo" saiu de uso pois é considerado incorreto. A pessoa com deficiência auditiva não necessariamente tem deficiência na fala. A mudez é outra deficiência e o que acontece é que muitos surdos, por não ouvirem, acabam não desenvolvendo a fala. Apesar de algumas mudanças ao decorrer do tempo, a escola funciona até hoje, atualmente com o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos – Ines.

A Libras foi desenvolvida então, junto com a escola, a partir de uma mistura entre a Língua Francesa de Sinais e de gestos que já eram utilizados por surdos brasileiros. Aos poucos e com o auxílio da própria comunidade surda, a Libras foi ganhando espaço e enfrentando problemas. Em 1880, um congresso sobre surdez em Milão proibiu o uso das línguas de sinais no mundo, acreditando que a leitura labial era a melhor forma de comunicação para os surdos. Isso não impediu a comunicação por sinais, mas atrapalhou na propagação do método que melhoraria a comunicação da comunidade surda.

Durante anos a comunicação por sinais foi marginalizada, mas ao mesmo tempo a luta pelo reconhecimento do método era constante. No final da década de 1970, a Libras começou a ser usada juntamente com a linguagem oral e outros meios de educação para surdos, facilitando na comunicação.

Nas décadas seguintes, a comunidade surda e alguns de seus grupos de defesa se organizaram e exigiram do governo brasileiro uma proposta de maior inclusão e democracia para os surdos brasileiros. Nessa época, a língua de sinais ainda não era entendida como uma língua oficial. Essas movimentações da década de 1980 resultaram na primeira grande conquista com a Constituição de 1988, garantindo a

educação como um direito de todos, além de garantir para a comunidade surda o direito à atendimento educacional especializado na rede regular de ensino.

A Libras porém, só foi reconhecida como uma língua oficial do Brasil a partir da criação da Lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que determinou:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, Art. 10).

Os idiomas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. Os surdos brasileiros utilizam a Língua Brasileira de Sinais, uma língua denominada visual-espacial, que utiliza os sentidos da visão e do tato, além de acrescentar significado diferente em determinados sinais dependendo da área de proximidade do corpo em que ele for executado.

Libras não é apenas o conjunto de sinais feito com as mãos, mas também é a expressão facial, o movimento, a velocidade, a intensidade, a localidade e o contexto. Uma linguagem visual-espacial precisa de mais do que sinais, precisa de uma avaliação de contexto e aplicação de intensidade. A Libras apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. A comunicação a partir da Libras então, é uma comunicação oficial e singular.

Dessa forma, não podemos estudar a Libras tendo como base a Língua Portuguesa, pois a mesma apresenta uma gramática própria, independente da língua oral. Assim, como existem palavras nas línguas orais-auditivas, também nas línguas de sinais há itens lexicais, chamados de sinais, e “a ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade (GRASSI, 2011, p. 60).

Após lutar pelo direito, a comunidade surda pôde comemorar oficialmente o registro da Libras como a segunda língua do Brasil, estando amparados por lei e

esperando por métodos de inclusão social, tanto no dia a dia e nos atendimentos interpessoais, quanto em produções profissionais, como audiovisuais e telejornais de grande audiência.

Os surdos são alfabetizados em modo bilíngue. Desde crianças precisam aprender duas línguas para que se encaixem na sociedade. Ao contrário disso, as crianças ouvintes brasileiras, são alfabetizadas apenas com a Língua Portuguesa e pouco se fala sobre aprender ou ensinar a Libras.

Além do fato de a Língua Portuguesa não ser a língua principal do surdo, há diferença na modalidade das línguas. A criança surda ao ser alfabetizada, deverá adquirir uma segunda língua que se apresenta numa modalidade linguística diferente da sua língua principal, isto é, ela deverá aprender uma língua *gráfico-visual*, aprender a ler e a escrever dentro das normas da Língua Portuguesa para tornar possível a introdução na sociedade, enquanto a sua língua oficial é *visual-espacial*, usa a visão e espaços próximos ao corpo para movimentação e a prática dos sinais.

Desde muito cedo, a comunidade surda é incumbida de aprender para poder incluir-se socialmente. Porém, por precisarem aprender a dois idiomas ao mesmo tempo, a língua secundária que é o Português, acaba por ser explicada apenas de maneira básica, pois falta o tempo e a atenção necessária para o período de aprendizagem suficiente. Dessa forma, as crianças da comunidade surda alfabetizadas em modo bilíngue Português e Libras, aprendem a Língua Portuguesa de maneira superficial e priorizam a Libras.

### 2.3. ATO DE INCLUIR

A todo momento a expressão Inclusão Social é levantada e debatida ao mencionar a comunidade surda e a recepção de notícias, tornando relevante a conceituação do termo de forma científica. Segundo Sasaki (1997, p 41), “a inclusão social constitui [...] processos bilaterais no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.”

Para incluir socialmente é necessário observar as necessidades, quais são os grupos excluídos da referente atividade e analisar o que deve ser melhorado para que possam estar inseridos na sociedade. Ao falar da comunidade surda, é necessário analisar o que é preciso para incluir, o que falta para que as pessoas desse grupo se sintam envolvidas nas atividades da sociedade. Respeitar as diferenças de dentro do próprio grupo e entender como funciona.

Na comunidade surda, existe diferenças entre pessoas com deficiência auditiva e pessoas surdas. As pessoas com deficiência auditiva são, como o nome já diz, pessoas que apresentam deficiência na audição, podendo apresentar pouca ou muita perda nesse sentido. Já as pessoas surdas, são as que têm 100% da audição perdida desde o nascimento ou que perderam durante a vida.

Além desses dois termos principais, também existe a expressão *comunidade surda*, que é representada por todas as pessoas que vivem e estão em contato direto com os artefatos culturais surdos e com as pessoas desse grupo, incluindo os intérpretes e familiares de sujeitos surdos.

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar. (MEDEIROS. *et al.* 2018. *apud* PADDEN; HUMPHRIES, 2000, p. 5 *apud* STROBEL, 2008).

Para a comunidade surda, o problema é diretamente com a comunicação, em vários âmbitos da sociedade, pois, para comunicar-se com uma pessoa surda é preciso entender e saber se comunicar em Libras, para ter a compreensão do que está sendo dito e desenvolver um diálogo sem barreiras. Sem a compreensão da Libras a comunicação é falha e as mensagens não chegam como deveriam chegar ao receptor.

Uma grande parcela de pessoas tem pouca ou nenhuma comunicação com pessoas ouvintes, forçando um diálogo baseado na brincadeira "mímica" cheia de gestos sem fundamento, mensagens escritas por bilhetes, com o auxílio do celular ou até mesmo apontando para objetos para facilitar a comunicação para quem não

entende Libras. Surdos enfrentam problemas de comunicação em diversas situações, desde fazer compras em supermercados ou lojas, até ir à consulta médica.

Em entrevista para o site Agência Brasil (2019)<sup>9</sup>, Sylvia Grespana, professora surda de Libras da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, conta que evita ir à consultas médicas, por julgar que os profissionais não estão preparados para atendê-la da forma adequada, além de se sentir incomodada em ter que escrever ou depender de alguém que descreva ao médico os sintomas que sente. Sylvia também relata que: "É nosso direito ter um atendimento eficaz e efetivo. Já estamos no século XXI e até hoje a sociedade não está pronta para receber o surdo?".

É fato, existem problemas de comunicação para a comunidade surda em vários serviços de atendimento. No entanto, quando se fala da projeção do jornalismo - que teria a missão de vigiar quem cumpre ou deixa de cumprir com as obrigações, de estar à frente da mediação eficaz da garantia de direitos como a acessibilidade - a questão é exponencial. Como cobrar dos órgãos competentes a fiscalização sem não há preocupação por parte da própria mídia em ser responsável por tornar acessível o próprio serviço de informação? A reflexão será aprofundada na análise deste artigo.

#### 2.4. TELEJORNALISMO ACESSÍVEL

A reprodução das notícias e informações pelos meios de comunicação se fazem presente no cotidiano da sociedade desde as primeiras horas do dia, até a hora de dormir. Para muitas pessoas, a recepção de notícia faz parte do dia a dia, devido à facilidade de conteúdos chegando ao seu alcance. Porém, os surdos fazem parte de um grupo de pessoas que não recebe as notícias de maneira integral.

Nos telejornais, as produções são produzidas, editadas e pensadas para o público ouvinte. Uma pessoa da comunidade surda não tem o mesmo aproveitamento do telejornal e não obtém o mesmo resultado de conhecimento que uma pessoa ouvinte. A baixa compreensão das notícias apresentadas torna a recepção da notícia

---

<sup>9</sup> Entrevista professora Sylvia Grespana para o site Agência Brasil: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-10/surdos-enfrentam-dificuldade-para-atendimento-em-saude>. Acesso em 14/08/2020.

falha e dessa maneira, o jornalismo acaba por falhar na democratização da informação, ou seja, não atinge todos os públicos e sim determinados grupos.

Acessibilidade no telejornalismo é uma maneira de inclusão social. Ser acessível dentro dos padrões de comunicação então, significa disponibilizar a informação e os serviços em diversos formatos para que todos possam compreender a mensagem. As informações disponibilizadas nos diversos meios de comunicação devem ser compreendidas e utilizadas por todas as pessoas de forma autônoma, isto é, sem precisar recorrer a terceiros.

Para Montardo e Passerino (2007), incluir efetivamente as pessoas com deficiência implica em criar condições para que elas possam satisfazer suas necessidades de desenvolvimento, qualidade de vida, equidade e oportunidade de direitos. As referidas autoras defendem que a inclusão digital é uma faceta da inclusão social; ela é o "o direito de acesso ao mundo digital para o desenvolvimento intelectual (educação, geração de conhecimento, participação e criação) e para o desenvolvimento de capacidade técnica e operacional (MÜLLER, K. *et al.* 2018. *apud* MONTARDO, S. P. *et al.* 2007. p. 3).

Para a comunidade surda, existe uma lei de amparo que ajuda na comunicação. Essa é a Lei nº 10.098 de 19/12/2000 (BRASIL, 2000) que prevê a acessibilidade da pessoa com deficiência e preconiza em um dos capítulos referente à comunicação, o uso de legendas que correspondam às informações sonoras produzidas, principalmente para programas de televisão e para cinemas, visando permitir acesso diferenciado por deficientes sensoriais.

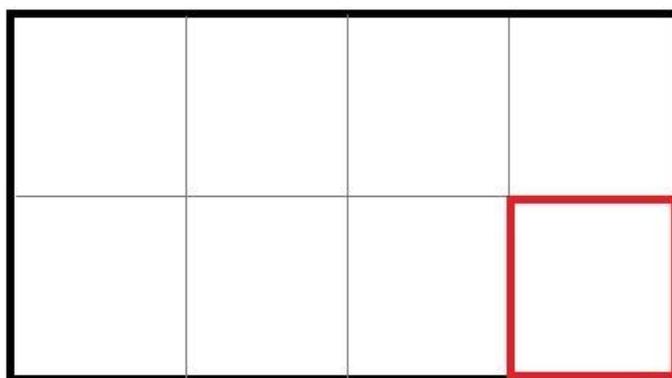
Sobre programas televisivos, é possível citar a ferramenta *closed caption*, que promete aplicar legendas em tempo real na programação que está sendo exibida. Essa ferramenta pode apresentar problemas de entendimento, com atrasos nas falas ou confusão com vocabulário desconhecido, dificultando o entendimento dos que precisam da tradução simultânea da mensagem oral para a escrita.

No Brasil, além da opção de legenda *closed caption*, existe também a opção Janela de Libras, onde um intérprete de Libras - a Língua Brasileira de Sinais, faz a tradução simultânea em sinais das palavras ditas na parte inferior da imagem. O intérprete é alocado numa espécie de janela, visualmente é equivalente a um quadrado, podendo (o quadro com o intérprete) estar do lado direito ou esquerdo do

vídeo. Para que a Janela de Libras funcione da maneira correta, existem normas que devem ser seguidas.

Segundo a ABNT NBR 15.290 de 2005, as Janelas de Libras devem ter o foco abrangente em toda a movimentação e gesticulação do intérprete, com a iluminação adequada que evite sombras no rosto ou ofuscamento do intérprete. Os contrastes devem ser nítidos, o fundo do estúdio, as roupas e o intérprete não devem se confundir na imagem, para facilitar no repasse da mensagem.

As normas brasileiras citam também as medidas para uma Janela de Libras ser reproduzida de maneira correta. A altura da Janela deve ser no mínimo metade da altura da tela do televisor e a largura deve ocupar no mínimo a quarta parte da largura da tela, como ilustra, a seguir, a Figura 1.



**Figura 1** - Representação do espaço indicado para a Janela de Libras segundo a Norma ABNT

O recorte deve estar localizado de modo a não ser encoberto por nenhum artefato que venha a ser apresentado, inclusive a tarja preta da legenda oculta, o *closed caption*. Na transmissão de programas, com o intérprete de Libras em cena, devem ser tomadas todas as medidas cabíveis para a prática correta do método de tradução da Língua Portuguesa para Língua de Sinais, pois tudo influencia na hora de passar a mensagem.

É muito importante dar um espaço delimitado em vídeos jornalísticos, onde as informações veiculadas na Língua Portuguesa são interpretadas através de Libras, fazer jornalismo pensado para abranger esse público, não apenas jornalismo para televisão, mas também na web para que todos possam ter acesso à mesma informação que pessoas ouvintes, por exemplo (TAMAKI, *et al.* 2017. n.p.).

Fazer um telejornal acessível é fazer comunicação de maneira ampla. Com a Janela de Libras disponível traduzindo toda a informação transmitida durante a programação de uma hora de jornal em horário nobre de segunda-feira à sábado, a comunidade surda receberia mais informações e de maneira acessível.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

#### **3.1. É POSSÍVEL PRODUZIR UM CONTEÚDO AUDIOVISUAL INCLUSIVO?**

A entrega de conteúdo jornalístico de forma não integral, como se propõe a profissão, impacta a vida da comunidade surda. Há déficit de recebimento de atualizações sobre os acontecimentos locais e mundiais do ponto de vista informacional para este público. Visto que, a acessibilidade e a inclusão social abrangem técnicas para a integração e a socialização de pessoas com diferentes tipos de dificuldades ou limitações na sociedade, a disseminação das notícias dentro dessas técnicas deve ser de maneira igualitária.

A Janela de Libras em transmissões de mídia são mais do que uma possibilidade, de acordo com o exemplo do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. A autoridade apresenta a preocupação de comunicar seu posicionamento político em toda apresentação oficial como figura presidencial atendendo as pessoas com deficiência auditiva, cumprindo com a Lei da Janela de Libras. Jair Bolsonaro, foi o primeiro no cargo, a tomar posse da presidência do Brasil, ao lado de uma intérprete de Libras.

No ano de 2018, em campanha eleitoral para a candidatura à presidência do Brasil, a intérprete de Libras Elizangela Castelo Branco foi presença marcante durante os discursos do então candidato. A profissional é intérprete há mais de 20 anos, pedagoga e professora de Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para entender na prática qual a necessidade da Janela de Libras, é preciso analisar e comparar. Na imagem a seguir observa-se Elizangela Castelo Branco sendo

entrevistada pela jornalista Roseann Kennedy para o canal TV Brasil (2018)<sup>10</sup>, as duas conversam sobre a importância do papel de Elizangela na campanha de Jair Bolsonaro. No canto inferior direito é possível observar a utilização da Janela de Libras, com o tamanho adequado segundo a norma. A intérprete traduz toda a entrevista e torna o assunto abordado acessível à comunidade surda.



**Figura 2** - Entrevista com Elizangela Castelo Branco para a TV Brasil, 2018. Roseann Kenned, a entrevistadora, está com camisa branca, ao lado da Elizangela, com vestimenta azul.

Durante a entrevista para TV Brasil (2018)<sup>11</sup>, Elizangela conta que pela primeira vez, os surdos puderam participar de todos os momentos de uma eleição e não somente das propagandas eleitorais com a Janela de Libras e o intérprete. “Nas *lives* foi uma inovação, colocar o intérprete ali do lado, isso nunca aconteceu na história! E os surdos puderam ver e acompanhar as propostas desses presidentes, inclusive nos debates. A cereja do bolo foi o pronunciamento oficial, ter um intérprete do lado, isso é uma honra que não conseguimos ainda descrever. Mas vejo que a comunidade surda se sentiu feliz e representada”, complementa Elizangela sobre sua participação na campanha eleitoral.

Sobre a falta de conhecimento da Libras pelos ouvintes e a falta de inclusão da comunidade surda na sociedade, Elizangela Castelo Branco também comenta que, “o

<sup>10</sup> Entrevista Elizangela castelo Branco para TV Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=8Jh3la7K3qg>. Acesso em 30/07/2020.

<sup>11</sup> Entrevista Elizangela castelo Branco para TV Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=8Jh3la7K3qg>. Acesso em 30/07/2020.

surdo já nasce tendo que ser bilíngue. Aprendendo o Português e Libras, mas porque a gente como sociedade também não se esforça e aprende essa língua de sinais para que o surdo tenha esse livre acesso a todas as áreas e a todos os âmbitos da nossa sociedade?”

A intérprete também apresenta o fato de que o surdo não deve ser considerado como “coitadinho”, pois é uma pessoa com capacidade e potencial assim como qualquer outra, então aprender Libras não seria para ajudar o surdo e sim para ajudar a si mesmo, para ser uma pessoa melhor e poder interagir com mais pessoas, tendo a experiência de conhecer outra realidade, uma cultura dentro da cultura brasileira, que é desconhecida por muitos.

A questão é que este é um dos casos isolados se o olhar despendido for para a grande mídia. No dia a dia das televisões brasileiras a Janela de Libras não costuma ser uma realidade. Apesar dos veículos terem à disposição novas informações e notícias, fatos e dados a todo instante, esses conteúdos não têm como prioridade chegar à comunidade surda.

O principal veículo de imprensa e de disseminação de conteúdo na televisão brasileira é o Jornal Nacional, transmitido desde o dia 1º de setembro de 1969. O produto jornalístico estreou na Rede Globo para competir com a TV Tupi e esse foi o ponto de partida de um projeto que pretendia transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. A TV Tupi existiu por 30 anos e foi extinta em julho de 1980<sup>12</sup>. Desde o final da década de 1960 então, o Jornal Nacional transmite informações sobre o Brasil e sobre o mundo e se faz presente nos lares brasileiros<sup>13</sup>. São anos de notícias e informações sendo levadas aos telespectadores por meio desse jornal, que se tornou o mais tradicional do país, transmitido de segunda à sábado com duração de 45 minutos.

Mesmo sendo o mais abrangente do ponto de vista da audiência, o Jornal Nacional é seletivo quanto ao público, afinal nota-se a falta das ferramentas inclusivas, como a Janela de Libras. Como apresentada anteriormente, a recomendação da Norma

---

<sup>12</sup>Informação retirada do site FGV: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi#:~:text=A%20TV%20Tupi%20de%20S%C3%A3o,extinta%20em%20julho%20de%201980>. Acesso em 18/10/2020.

<sup>13</sup> Informações retiradas das Memórias Rede Globo: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em 02/09/2020.

ABNT NBR 15.290 discorre sobre as regras de acessibilidade em comunicação na televisão brasileira, ferramentas como legendas ocultas, o *closed caption*, e Janela de Libras para a comunidade surda, porém, a acessibilidade não costuma ser uma prioridade da Rede Globo.

### 3.2 A FALTA DA JANELA DE LIBRAS

Por estar prevista em lei, a maioria das emissoras disponibilizam o *Closed Caption* em sua programação como ferramenta de acessibilidade para surdos. Porém, não são todos os surdos que possuem um vocabulário satisfatório da Língua Portuguesa e conseguem acompanhar e compreender com clareza as informações que estão sendo transcritas. No geral, os surdos preferem a Janela de Libras como recurso de acessibilidade, pois as informações são repassadas em sua própria língua, podendo assim compreender de maneira mais clara<sup>14</sup>.

Ao pensar no melhor para a inclusão da comunidade surda, deve-se então atender às necessidades do público em questão. A TV Cultura<sup>15</sup>, emissora criada no início dos anos 1970, com o intuito de atuar como uma TV escola, prioriza a educação ao desenvolver uma programação voltada para os conteúdos escolares com o objetivo de suprir as deficiências e carências educacionais do país. Além de focar na educação, a TV Cultura foi a primeira emissora de TV do Brasil a montar um núcleo de acessibilidade próprio.

Inaugurado no dia 13 de dezembro de 2019, o núcleo de acessibilidade<sup>16</sup> é formado por três estúdios para gravação de Libras, duas cabines de locução para audiodescrição e, para a produção de *closed caption*, duas cabines com softwares de captação de voz e uma máquina de estenotipia<sup>17</sup>. A inclusão da comunidade surda se

---

<sup>14</sup> Análise do Surdo Diante a Comunicação Televisiva: Recorte Para o Closed Caption e Janela de Libras: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1432-1.pdf>. Acesso em 05/09/2020.

<sup>15</sup> História TV Cultura: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/historia-da-tv-cultura>. Acesso em 12/09/2020.

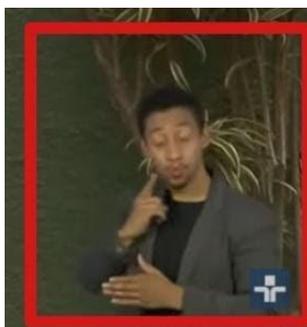
<sup>16</sup> Núcleo de Acessibilidade FLICTS TV Cultura: [https://cultura.uol.com.br/noticias/966\\_tv-cultura-inaugura-nucleo-de-acessibilidade-com-homenagem-a-ziraldo.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/966_tv-cultura-inaugura-nucleo-de-acessibilidade-com-homenagem-a-ziraldo.html). Acesso em 05/09/2020.

<sup>17</sup> O termo estenotipia designa a técnica pela qual se obtém o registro do que é falado por meio de uma máquina — o estenótipo. De forma simplificada, é um método de transformar rapidamente um áudio em texto. <http://steno.com.br/o-que-e-estenotipia/>. Acesso em 05/09/2020.

faz presente na programação da TV Cultura, mostrando que é possível informar e incluir ao mesmo tempo, como ilustram as Figuras 3 e 4.



**Figura 3** - Núcleo de Acessibilidade TV Cultura. No canto inferior direito, há a presença do intérprete de Libras fazendo a tradução simultânea



**Figura 4** - Intérprete da TV Cultura fazendo a tradução simultânea do telejornal

Ao comparar os jornais da Rede Globo e da TV Cultura, é possível verificar a diferença sobre a acessibilidade na entrega de conteúdo. O espaço dedicado para o intérprete está dentro das normas e todo conteúdo é traduzido simultaneamente para a comunidade surda, no Jornal da Tarde da TV Cultura (Figura 6). No Jornal Nacional da Rede Globo (Figura 5) não há essa preocupação.

- **Análise da Bancada do Jornal:**



**Figura 5** - Jornal Nacional - Rede Globo



**Figura 6** - Jornal da Tarde - TV Cultura

Na primeira imagem, é possível observar a apresentadora âncora do Jornal Nacional, Renata Vasconcellos, jornalista há mais de 20 anos e atualmente na bancada do telejornal. Na segunda imagem, a apresentadora âncora do Jornal da Tarde da TV Cultura Joyce Ribeiro, também jornalista há mais de 20 anos. As duas têm como papel principal apresentar e introduzir a reportagem que entrará ao ar, com as informações do assunto abordado de maneira resumida, ou seja, realizar a leitura das cabeças<sup>18</sup>. Os âncoras apresentam o telejornal. Também é função do jornalista âncora coordenar, narrar os acontecimentos e fazer a ligação dos elementos transmitidos entre uma

---

<sup>18</sup> Cabeça: é um pequeno texto lido pelo apresentador para anunciar uma matéria no telejornal. É um texto repassado pelo apresentador de maneira informativa alertando ao telespectador qual a reportagem que será exibida a seguir.

reportagem e outra, conectando o telejornal e deixando-o completo. Renata e Joyce fazem este papel.

Ao comparar as imagens, Figuras 5 e 6, é possível notar a presença da Janela de Libras em apenas uma delas, no telejornal da TV Cultura (Figura 6), em que o intérprete faz parte de toda a extensão do jornal, traduzindo as notícias repassadas em língua portuguesa para a língua de sinais.

- **Análise de reportagem:**



**Figura 7** - Repórter Graziela Azevedo - Rede Globo



**Figura 8** - Repórter Felipe Neves - TV Cultura

A segunda situação a ser analisada nas Figuras 7 e 8, são as reportagens dos telejornais. Nesta segunda comparação, pode-se notar os repórteres das respectivas

emissoras de televisão discorrendo sobre o assunto das matérias, em modo passagem<sup>19</sup>.

A reportagem produzida e transmitida pela Rede Globo, Figura 7, não apresenta a ferramenta de inclusão Janela de Libras, ao contrário da reportagem da TV Cultura, Figura 8. O benefício ao oferecer a Janela de Libras durante a transmissão de um telejornal vai além do que apenas defender a inclusão, enquanto o Jornal Nacional não apresenta preocupação com ferramentas inclusivas, o telejornal da TV Cultura tem a possibilidade de alcançar o público de mais de 10 milhões de pessoas, cativando a comunidade surda.

### 3.3 A FALÁCIA DO CLOSED CAPTION

Além da ausência da ferramenta janela de Libras no telejornal tradicional de maior audiência e influência do Brasil, o Jornal Nacional, é possível encontrar também a dificuldade com o acesso à outra ferramenta de inclusão, o *closed caption*.

O *Closed Caption*<sup>20</sup>, também conhecido pela sigla CC, é um sistema de transmissão de legenda via sinal de televisão. Essas legendas são reproduzidas por uma função do televisor e tem como objetivo permitir que pessoas com deficiência auditiva possam acompanhar os programas transmitidos. Outra nomenclatura por qual o *closed caption* é conhecido, é a legenda oculta, devido à sua tradução literal da língua inglesa.

Essa ferramenta tem como função descrever e transcrever todas as falas reproduzidas na programação. Além das falas e dos diálogos, a ferramenta precisa detectar e sinalizar qualquer outro som presente na imagem, como músicas, ruídos, palmas, todo som precisa ser descrito para quem não consegue ouvir.

A seguir, a análise e a comparação das ferramentas aplicadas durante reportagens do Jornal Nacional da Rede Globo (Figura 9) e do Jornal da Tarde da TV

---

<sup>19</sup> Passagem é como é chamada a forma de captação de imagem, que identifica quando o repórter está na matéria, quando ele aparece falando diretamente com os telespectadores durante a reportagem gravada, ao introduzir informações sobre o assunto abordado.

<sup>20</sup> Informações apuradas em diversos sites a respeito do tema, em que a fonte considerada mais esclarecedora foi o portal da Claro na internet, mais especificamente na página reservadas às dúvidas frequentes dos usuários. Destacando que muita gente desconhece o recurso tecnológico de tradução simultânea. Fonte: <https://faq.claro.com.br/pergunta-frequente/o-que-e-o-closed-caption/>. Acesso em 12/08/2020.

Cultura (Figura 10). Na programação da Rede Globo, não há inclusão com a ferramenta de janela de Libras, apenas com a ferramenta *closed caption* e nesta imagem para análise é possível observar a falta de coesão no texto transcrito. Já na programação da TV Cultura, a reportagem está sendo traduzida para a língua de sinais pelo intérprete na janela de Libras.



**Figura 9** - Matéria do Jornal Nacional com exibição do *closed caption* - Rede Globo



**Figura 10** - Matéria do Jornal da Tarde sendo exibida com Janela de Libras - TV Cultura

Com o sistema de legenda oculta, o *closed caption*, as palavras deveriam ser transcritas para a Língua Portuguesa descrevendo todo o áudio reproduzido na programação. Porém, por muitas vezes, o áudio captado é transcrito de maneira errônea piorando o acesso à informação repassada na televisão. Levando em consideração que a comunidade surda tem a sua própria linguagem, e que devido a isso, os surdos preferem que a tradução seja feita por meio do intérprete na Janela de Libras, pois, nem todos os surdos têm um vocabulário abrangente da Língua Portuguesa.

Dessa forma, não podemos estudar a Libras tendo como base a Língua Portuguesa, pois a mesma apresenta uma gramática própria, independente da língua oral. Assim, como existem palavras nas línguas orais auditivas, também nas línguas de sinais há itens lexicais, chamados de sinais, e “a ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade” (GRASSI. *et al* 2011. *apud* SEED, 1998, p. 17).

A imagem final a ser analisada, Figura 11, apresenta a repórter Helena da Silva Diaz em entrevista com mãe e filha em casa. As personagens falam sobre os estudos em domicílio durante o período de pandemia em 2020. A repórter fez uma pergunta e a menina responde, porém, com a ferramenta de legendas ocultas ativada, a transcrição foi feita de maneira incorreta, dificultando a distinção de quem está falando e em qual momento. A ferramenta não detecta qual é o personagem ativo nas falas, além de transcrever o texto sem pontuação, deixando o texto desconexo. São três falhas da legenda oculta em uma única tela de análise. É prova de que é um recurso mecânico, que não substitui o intérprete de maneira igual.



**Figura 11** - Entrevista sendo traduzida pela ferramenta Closed Caption - Rede Globo

Entender as ferramentas disponibilizadas e perceber qual a funcionalidade e efetividade de cada uma se faz necessário para movimentos de inclusão social. Além de conhecer o público a quem se destinam as ferramentas de inclusão, é necessário conhecer todo o significado e a semântica que os sinais de Libras carregam. Há importância da tradução da mensagem, deste modo, e o cuidado ao atingir o público da maneira correta. Além disso, percebemos a relevância dessa língua e como se faz

necessária uma ferramenta que inclua a comunidade surda aos meios de comunicação, garantindo a preservação da identidade e valorização da cultura surda. O exemplo do que é feito pelo Jornal da Tarde da TV Cultura, torna possível argumentar que há viabilidade para colocar em prática a acessibilidade por meio da Janela de Libras para a comunidade surda.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao falar sobre o jornalismo como um ato plural, idealiza-se que os conteúdos produzidos sejam repassados a todos os públicos e a disseminação de conteúdo relevante seja cada vez maior. A inclusão social e as formas de acessibilidade são preocupações que o meio jornalístico deve ter ao produzir os conteúdos repassados em canais impressos, na televisão, no rádio ou pela internet.

A comunidade surda brasileira, constituída por milhões de pessoas em diferentes graus de perda de audição, apresenta a necessidade de estar incluída, principalmente no meio televisivo, em telejornais, considerando a preferência do público por este meio. Com o uso de ferramentas simples, a disseminação de informações e a recepção das mensagens seriam mais eficazes, porque para a comunidade surda, assim como para os ouvintes, o desejo por informação e atualização, é constante.

É necessário ter consciência da relevância do ato *incluir*. O Jornal Nacional como principal telejornal do Brasil deveria acompanhar o ritmo das atualizações e das tecnologias - para além das inovações técnicas na qualidade de imagem e afins - como manda a lei de inclusão, com Janela de Libras, assim como a TV Cultura executa.

Utilizar dos métodos e ferramentas de inclusão, alcançar um maior público com a acessibilidade, é uma tarefa possível. Após analisar a programação jornalística e o núcleo de acessibilidade da TV Cultura, percebe-se que é viável colocar em prática o método de inclusão social na televisão, tendo como ganho uma fatia grande de audiência, exclusivamente por ter a responsabilidade de incluir um público que hoje é vítima da falta de acessibilidade de veículos de comunicação televisivos.

## REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra. TV TUPI. **FGV**, 2009. Disponível em:

<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/tv-tupi#:~:text=A%20TV%20Tupi%20de%20S%C3%A3o,extinta%20em%20julho%20de%201980>. Acesso em 18/10/2020.

AYRES, Melina de la Barrera. MEDITSCH, Eduardo. Diversidade e desigualdade na tela: a estrutura da notícia em quatro telejornais latino-americanos. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. 2011. Disponível em:

<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/viewFile/86/81>. Acesso em 22/08/2020.

BANDEIRA, Luiza Alves. **A fragmentação na produção do telejornalismo**. Monografia (Comunicação Social), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008

<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1861/1/LBandeira.pdf>. Acesso em 17/07/2020.

BOND, Letycia. **Surdos enfrentam dificuldade para atendimento em saúde**. Site Agência Brasil. 07 de outubro de 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-10/surdos-enfrentam-dificuldade-para-atendimento-em-saude>. Acesso em 21/08/2020.

BRASÍLIA. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Brasília: Congresso Nacional, [2002]. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11043497/artigo-1-da-lei-n-10436-de-24-de-abril-de-2002#:~:text=Abril%20de%202002-,Lei%20n%C2%BA%2010.436%20de%2024%20de%20Abril%20de%202002,de%20express%C3%A3o%20a%20ela%20associados>. Acesso em 03/08/2020.

CHIARIONI, Bruno Teixeira. JORNALISMO E NARRATIVA: Protagonistas do cotidiano no programa 'Profissão Repórter'. **Anais do 6º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero**.

Faculdade Cásper Líbero - São Paulo - SP - 5 e 6 de novembro de 2010. Disponível em:

<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Bruno-Teixeira-Chiarioni2.pdf>. Acesso em 23/08/2020.

CONVERSA COM ROSEANN KENNEDY | ELIZÂNGELA CASTELO BRANCO, 2018. 1 vídeo (27:03 min).

Publicado pelo canal tvbrasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Jh3la7K3qg>. Acesso em: 15/06/2020.

FENAJ. **CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS**, 2007. Disponível

em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 27/07/2020.

GANDRA, Alana. **País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, diz estudo**. Site Agência Brasil. 13 de outubro de 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo#:~:text=Estudo%20feito%20em%20conjunto%20pelo,3%20mil%C3%B5es%20t%C3%AAm%20defici%C3%AAncia%20severa>. Acesso em 01/08/2020.

GRASSI, Dayse. ZANONI, Graziely Grassi. VALENTIN, Silvana Mendonça Lopes. Língua Brasileira de Sinais: Aspectos Linguísticos e Culturais. **Revista Trama**. Volume 7 - Número 14. 2º Semestre de 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/5786/4980#>. Acesso em 23/05/2020.

HISTÓRIA da TV Cultura. **Portal São Francisco**, 2020. Disponível em:

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/historia-da-tv-cultura>. Acesso em: 12/09/2020.

HISTÓRIA do Jornalismo. **Site Antigo**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/historia-do-jornalismo/42884>. Acesso em: 15/09/2020.

JORNAL Nacional. **Memória Globo**, 2020. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em 16/09/2020.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo, Ática, 1987.

LOBO, Tiago. Sobre o papel social do jornalismo. **Observatório da Imprensa**, 2013. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743\\_sobre\\_o\\_papel\\_social\\_do\\_jornalismo/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/). Acesso em 05/08/2020.

LIMA, Bruna Swyanne Cunha de Almeida. Et. All. Análise do Surdo Diante a Comunicação Televisiva: Recorte Para o Closed Caption e Janela de Libras. **Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE - 29 de junho a 01 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1432-1.pdf>. Acesso em 28/08/2020.

MEDEIROS, Diogo de Souza. FALAVINA, Iraci Helena de Oliveira. BALDESSAR, Maria José. Narrativas Jornalísticas para o povo surdo: experiências, análise e efetividade da comunicação. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Ano 12 – Volume 2. Julho a Dezembro de 2018. Cidade Universitária, SP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/150689/148690>. Acesso em: 23/05/2020.

MÜLLER, Karin. et. all. Produção de conteúdo acessível para surdos na web: análise do canal de vídeos Ôxe. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. 41, núm. 2, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/698/69857815009/html/index.html>. Acesso em 15/05/2020.

O QUE É estenotíпия? Conheça a técnica por trás do closed caption. **Steno**, 2018. Disponível em: <http://steno.com.br/o-que-e-estenotipia/>. Acesso em 12/09/2020.

PINTO, Tales dos Santos. "Breve História da televisão"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>. Acesso em: 25/07/2020.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, Editora WVA, 1997.

SIGNIFICADO de Inclusão social. **Significados**, 2019. Disponível em: <https://www.significados.com.br/inclusao-social/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20Inclus%C3%A3o%20social,da%20etnia%2C%20entre%20outros%20aspectos>. Acesso em 18/07/2020.

SILVA, Daniel Neves. Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-libras.htm>. Acesso em: 29/08/2020.  
TAMAKI, Juliana. BONITO, A. Marco. Jornalismo Digital: A (falta de) acessibilidade comunicativa no século XXI. **Anais do IX Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. SIEPE - Universidade Federal do Pampa. Santana do Livramento, RS. 21 a 23 de novembro de 2017. Disponível em: [https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq\\_trabalhos/14104/seer\\_14104.pdf](https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/14104/seer_14104.pdf). Acesso em 28/05/2020.

TV Cultura inaugura núcleo de acessibilidade com homenagem a Ziraldo. **Cultura**, 2019. Disponível

em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/966\\_tv-cultura-inaugura-nucleo-de-acessibilidade-com-homenagem-a-ziraldo.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/966_tv-cultura-inaugura-nucleo-de-acessibilidade-com-homenagem-a-ziraldo.html). Acesso em: 12/09/2020.

VIZEU, Alfredo. MAZZAROLO, Jô. Telejornalismo: onde está o lead? **Revista FAMECOS**, nº 11. Dezembro de 1999. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3051/2329>. Acesso em 10/08/2020.